

**A CONCEPÇÃO EXISTENCIAL DA DOR E DO SOFRIMENTO NO PENSAMENTO  
DE ARTHUR SCHOPENHAUER**

***THE EXISTENTIAL CONCEPTION OF PAIN AND SUFFERING IN THE THOUGHT  
OF ARTHUR SCHOPENHAUER***

Daniel Pereira Ferreira <sup>1</sup>

Paulo Cesar Delboni<sup>2</sup>

**RESUMO:** O objetivo deste trabalho é demonstrar a concepção da dor e do sofrimento no pensamento de Schopenhauer, considerando o atual contexto da sociedade contemporânea, que encontra-se imersa em dores e sofrimentos existenciais. Nesse sentido, Schopenhauer, destaca que a realidade existencial do ser humano é sempre voltada para a vontade que não se satisfaz nunca, isto é, são infinitas. Por isso, as dores e os sofrimentos são presentes e recorrentes. Além disso, ele também destaca que a felicidade é um sonho, uma utopia; diante desse mundo onde tudo é dor, ela não existe. Portanto, o homem vive sua vida entre a dor e o tédio, quando não se está sentindo dor, está entediado. Por outro lado, o amor é uma realidade que aparece mediante a vontade de assegurar sua espécie, isto é, fazer gerar novos seres. Sendo assim, a compaixão é uma forma de se comover para com o outro. Porém demonstraremos o que está no seu plano de fundo, isto é, a maldade, que tem por finalidade, causar dor e sofrimento, fazendo com que a compaixão dê lugar ao egoísmo e a inveja. Em vista disto, o homem só se interessa verdadeiramente em se esquivar de suas dores e sofrimentos. Para o desenvolvimento deste trabalho, será utilizada a obra *As Dores do Mundo (2014)*, de Arthur Schopenhauer, com a finalidade de esclarecer a concepção da dor e do sofrimento, possibilitando, assim, a compreensão da dor e do sofrimento da sociedade contemporânea.

**Palavras-chave:** Schopenhauer; Dor; Sofrimento; Filosofia; Compaixão.

**ABSTRACT:** The objective of this work is to demonstrate the conception of pain and suffering in Schopenhauer's thought, considering the current context of contemporary society, which is immersed in existential pain and suffering. In this sense, Schopenhauer highlights that the existential reality of human beings is always focused on the will that is never satisfied, that is, they are infinite. Therefore, pain and suffering are present and recurring. Furthermore, he also highlights that happiness is a dream, a utopia; In the face of this world where everything is pain, it does not exist. Therefore, man lives his life between pain and boredom, when he is not feeling pain, he is bored. On the other hand, love is a reality that appears through the will to ensure its species, that is, to generate new beings. Therefore, compassion is a way of being moved towards others. However, we will demonstrate what is in its background, that is, evil,

---

<sup>1</sup> Cento universitário salesianos- Unisales. Vitória/Es, Brasil.

<sup>2</sup> Graduado em Filosofia (PUC/MG). Mestre em Filosofia pela Pontifícia Univesitá Gregoriana (Roma). Professor de Filosofia do Centro Universitário Salesiano – UNISALES- Vitória/Es, Brasil.

which aims to cause pain and suffering, causing compassion to give way to selfishness and envy. In view of this, man is only truly interested in avoiding his pain and suffering. For the development of this work, the work *The Sorrows of the World* (2014), by Arthur Schopenhauer, will be used, with the purpose of clarifying the conception of pain and suffering, thus enabling the understanding of pain and suffering in contemporary society.

**Keywords:** Schopenhauer; Pain; Suffering; Philosophy; Compassion.

## 1. INTRODUÇÃO

Este artigo filosófico apresentado à disciplina de TCC-II (trabalho de conclusão de curso) busca entender a concepção existencial das dores e dos sofrimentos no pensamento de Arthur Schopenhauer.

Só a dor e os sofrimentos são positivos, a desgraça geral é a regra, é essa a visão apresentada e sustentada por Arthur Schopenhauer em sua obra *As dores do mundo* (2014), livro base para a nossa pesquisa no qual ele já apresenta logo no primeiro parágrafo desta mesma obra, a realidade dolorosa e sofrida do homem. Tudo que vai em desencontro da vontade geram as dores e os sofrimentos. Não se pode negar que os homens passam por uma dor e por um sofrimento, eles são diários e constantes assim como os desejos e as vontades.

Observamos, neste trabalho, a questão acerca do caráter existencial das dores e dos sofrimentos do mundo, buscando compreender se tais realidades estão diretamente impressas na vida e no cotidiano de cada homem. Schopenhauer destaca que todos, independente de quem forem, velhos ou novos, ricos ou pobres, passará por uma dor, e por um sofrimento, pois, se estas não existirem, geraria o tédio. A felicidade, por sua vez, é uma ilusão, pois não se é capaz de passar por um momento sem que se deseje ou sem que tenha uma certa vontade. Dessa maneira, entende-se que o homem, por querer sempre, sofre.

Posteriormente, faremos breves apontamentos do que vem a ser a o amor, entendido por Schopenhauer como uma escolha individual ao sexo, tendo como fim assegurar a sua espécie. O amor é um instinto sexual que o homem não pode fugir, uma vez que ele se manifesta no seu interior, buscando sempre o outro para perpetuar as suas qualidades e manter a sua espécie.

Observaremos também, o que diz respeito ao plano de fundo da compaixão, onde demonstraremos a compaixão, mas como o pessimismo que está por trás da mesma ao mesmo tempo as realidades as quais ocupam o seu lugar, como o egoísmo, a inveja e a maldade. Vale destacar que a filosofia de Schopenhauer é de natureza pessimista, sempre voltada para a miséria, para a desgraça, e para o sofrimento humano.

Em vista disto, o intuito deste trabalho não é demonstrar a realidade da compaixão propriamente dita como uma saída ética, mas sim, o que se esconde por traz dela, que é a dor e o sofrimento, comuns a todos os seres humanos. Portanto, queremos clarificar o que vem a ser as dores e os sofrimentos e como elas se manifestam na realidade humana, a partir do pensamento de Schopenhauer, alicerçado na obra *As Dores do Mundo* (2014).

## 2. METODOLOGIA

Esse trabalho tem como finalidade investigar questões acerca do sofrimento e das dores, no pensamento do filósofo Arthur Schopenhauer. Foi utilizado o método de pesquisa bibliográfica para responder tais questões, recorrendo a materiais que deram base justificatória para essa pesquisa.

Foram utilizados materiais de forma física e on-line, ou seja, livros e artigos. Em formato físico, temos, neste trabalho, como referência principal, o livro *As Dores do Mundo (2014)*, do filósofo Arthur Schopenhauer. Inicialmente, a pesquisa contará com uma abordagem do caráter das dores e dos sofrimentos do mundo, onde foi trabalhado de que forma e como o homem vive e passa pelo mundo sendo que tudo, como destaca nosso autor, é sofrimento e só a dor é positiva, pois ela o faz sentir. Além disso, contemplamos também a questão do amor frente a dor e sofrimento, como via para perpetuar a espécie humana.

Posteriormente, foi abordado a questão do plano de fundo da compaixão, quer dizer, a maldade travestida de boas intenções. Nesse sentido, se desenvolveu a ideia de compaixão inserida na realidade dolorosa e sofrida da sociedade, as situações que a contrapõem e como elas surgem de forma negativa.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 1. O CARÁTER DAS DORES, DOS SOFRIMENTOS E DO AMOR DO MUNDO

Arthur Schopenhauer nasceu no dia de 22 de fevereiro do ano de 1788, filho de Heinrich Floris Schopenhauer, comerciante da cidade de Dantzig, na Prússia, o filósofo alemão seguia a profissão do pai. Por esse motivo, sua família nunca se preocupou muito com a educação intelectual do filósofo e, quando tinha apenas 12 anos de idade, em 1800, fez uma série de viagens que serviriam de base para o futuro comerciante. Schopenhauer percorreu a Alemanha, França, Inglaterra, Holanda, Suíça, Silésia e a Áustria. Porém, apesar de ser obrigado a estudar em uma escola comercial em 1805, o seu interesse não foi despertado para negócios e comércio e sim pela miséria humana, à medida que, interessado pela realidade miserável do homem, o que ele fez de mais importante durante essas viagens foi redigir considerações melancólicas e pessimistas sobre a realidade da condição humana. Com a morte de seu pai, possivelmente vítima de suicídio, deu-lhe a possibilidade de largar o meio comercial e ingressar na universalidade em 1807. Posteriormente, em 1813, se doutorou pela Universidade de Berlim, com sua tese sobre a *Quádrupla Raiz do Princípio de Razão Suficiente* e em 1819, publicou a obra *O Mundo como Vontade e Representação*, que se tornaria a sua principal obra.

Além disso, em 1821, Schopenhauer envolveu-se em um acidente, quando perdendo a paciência, empurrou a senhora Caroline-Louise da escada, em razão dela executar sondagens a respeito de sua vida. Por esse motivo, ele foi condenado a pagar todas as despesas médicas e um valor de sessenta *thalers* (moeda usada na época) enquanto a senhora Caroline vivesse, ela só veio falecer 20 anos depois do ocorrido. Em vista disso, todos os anos, quando chegava o momento de efetuar os pagamentos referentes ao acidente, Schopenhauer era acometido por uma grande tristeza e fortíssimas crises de depressão nervosa. Entre 1826 e 1833, Schopenhauer

empreendeu frequentes viagens, adoeceu por diversas vezes e tentou uma segunda experiência como professor da Universidade de Berlim, porém, mais uma tentativa fracassada. Posteriormente, se mudou para Frankfurt do Meno, onde passou o resto de sua vida extremamente isolado, vindo a óbito a 21 de setembro de 1860, vítima de pneumonia, com 72 anos de idade.

Tendo compreendido os traços biográficos do filósofo, cabe, pois, iniciar a explanação de sua teoria. Portanto, Schopenhauer destaca que só a dor é positiva, em outros termos, a dor é o único fim e também a única razão de ser no mundo, sendo a desgraça geral uma regra. O homem é esse ser totalmente inclinado para um desejo e para uma vontade que não se satisfaz. Portanto, a vida humana correria bem, sem dores e sofrimentos, se nada fosse contrário à vontade, uma vez que, tudo que o ser humano sente é claramente experiência desse próprio ser humano dolorido e sofrido. Dessa maneira, o homem é acostumado e está fadado a viver diariamente sofrendo e sentindo dor com as realidades que não atende a suas vontades. Sendo assim, Schopenhauer deixa bem claro a realidade dolorida e sofrida do ser humano, destacando que só a dor é positiva, e que não teria outro fim a não ser essa dor e esse sofrimento para o homem.

Assim como um regato corre sem ímpetos enquanto não encontra obstáculos, do mesmo modo, na natureza animal, a vida corre inconsciente e descuidosa, quando coisa alguma se lhe opõe à vontade. Se a atenção desperta, é porque a vontade não era livre e se produziu algum choque. Tudo o que se ergue em frente da nossa vontade, tudo o que a contraria ou lhe resiste, isto é, tudo que há de desagradável e de doloroso, sentimo-lo ato contínuo e muito nitidamente. Não nos atentamos à saúde geral do nosso corpo, mas notamos o ponto ligeiro onde o sapato nos molesta; não apreciamos o conjunto próspero dos nossos negócios, e só pensamos numa ninharia insignificante que nos desgosta. - O bem-estar e a felicidade são, portanto, negativos, só a dor é positiva (Schopenhauer, 2014, p. 25).

O homem vive nessa busca diária por conter seus desejos e satisfazer as suas vontades, pois julga essa tentativa como o bem, uma vez que, as vontades forem satisfeitas, se sentiria feliz, sem dor, sem sofrimento. Entretanto, tudo tem um fim e esse fim sempre acaba em desgosto, uma vez que tudo se opõem à vontade e a ela nada pode ser dado como finito, porque a vontade é infinita.

[...]nenhuma satisfação é duradoura. Logo que um desejo é satisfeito, surge outro no lugar. Schopenhauer descreve esse sofrimento em termos de uma essência a-histórica, mostrando que a dor é ineliminável e os “esforços infundáveis” para acabar com ela não são jamais efetivos. O modo com que esse sofrimento se expressa na história ou nas sociedades não nos fornece sua causa, pois esta reside num princípio metafísico que subjaz a tudo, do reino inorgânico ao orgânico. Sendo assim, não é de modo algum determinante a procura do motivo externo de um determinado sofrimento, ou de sua relação com certo nível de riqueza ou posição social, dado que, se uma tal causa fosse suprimida, surgiria outra ou outras em seu lugar (Kugnharski, 2023, p. 55).

Essas realidades de não satisfação é o que atormenta o homem cotidiano, pois o mesmo não tem noção do que o espera pelo futuro, ele não consegue prever suas realizações ou desgraças. Em outras palavras, por não saber o que a vida, ou o mundo a qual ele foi jogado para sofrer, tem reservado para ele. Ele não sabe se haverá desastres, mortes, guerras, perseguições, pandemias ou respostas não dadas que

tem o poder e a possibilidade de modificar a sua vida. Como destaca a Monja Coen, em seu livro *Sufrimento é Opcional* (2017, p.14) “[...] muitas pessoas não são felizes ainda que tenha carros bonitos, roupas de grife, passeios nos shoppings, compras nos paraísos do consumismo, raves e uma parafernália digital global que cabe no bolso ou na bolsa.” Tais realidades experimentadas pelo o homem o leva a esse estado inteiramente doloroso e sofrido, uma vez que, o mesmo, só em pensar no que pode vir futuramente, sofre e sente dor. Dessa forma, ao contemplar uma situação sofrida e dolorida, logo se pensa que existem pessoas com dor, sofrimento e desgraças maiores do que a sua. Dessa maneira, há uma conformação para tentar amenizar as dores e os sofrimentos. Em vista disso, todos possuem uma parcela de dor e sofrimento, e nada mais além disso preenche a vida dos seres humanos, pois o que dá sentido, e preenche a vida humana não são as suas realizações e sim as dores, as realizações não preenchem a vida dos homens porque são raras e acontecem só às vezes.

Schopenhauer sustenta que a felicidade é um sonho, utopia, mentira, dado que tudo é dor; todavia há aqueles que acreditam que a felicidade exista, mas mesmo crendo nisso, o homem só descobrirá sua felicidade, quando estiver à beira da morte que é quando ele contemplará que a dor sentida neste momento, não se comparara à que ele sentia em sua juventude. Porém, essa felicidade é falsa e passageira e pode ser destruída a qualquer momento.

Enquanto a primeira metade da vida é apenas uma infatigável aspiração de felicidade, a segunda metade, pelo contrário, é dominada por um sentimento doloroso de receio, porque se acaba então por perceber, mais ou menos claramente, que toda felicidade não passa de quimera, que só o sofrimento é real (Schopenhauer, 2014, p. 31).

O homem velho se descobre sem paixões, desejos, já que tudo é passageiro, isto é, até mesmo a motivação de viver. O que fica, no fim, é um esforço, uma vez que, cada homem possui uma história de sofrimento e compartilha com os demais essa realidade de vida dolorida, sofrida e um desgosto de viver. Dessa forma, como destaca Schopenhauer (2014, p.30) “os homens poderiam tratar-lhes não por senhor ou senhora, mas sim como companheiro de sofrimento, de dor e miséria”, pois, enquanto se viver, sempre existirão as dores, misérias, e sofrimentos, e muito raramente alguma alegria que seja real para todos. A vida é uma mentira, uma vez que a esperança ilude e a felicidade não existe no presente e sim no passado, como afirma Schopenhauer. Quando alguém sente uma dor que te dilacera, que lhe faz perder os sentidos, se recordará que já viveu alguma dor tão insuportável que não pode ser comparada com a de agora. Em vista disso, o presente não passa de uma fuga nessa vida miserável, e a única certeza que se tem é que a morte há de chegar para todos - sejam eles justos ou injustos, brancos ou pretos, ricos ou pobres, escravos ou livres - todos terão o mesmo fim, isto é, a morte. Dessa maneira, o homem vive nesse mundo a qual foi posto, para sofrer de maneira tediosa, estressado, deprimido, de mal humor, visto que ele tenta fugir da dor e da morte.

A felicidade, portanto, está sempre no futuro ou no passado, e o presente é como uma pequena nuvem sombria que o vento impele sobre a planície cheia de sol; diante dela, atrás dela, tudo é luminoso, só ela projeta sempre uma sombra. O homem só vive no presente, que foge irresistivelmente para o passado, e afunda-se na morte: salvo as consequências, que se podem refletir no presente, e que são a obra dos seus atos e da sua vontade, a sua

vida de ontem acha-se completamente morta, extinta: deveria portanto ser-lhe indiferente à razão que esse passado fosse feito de gozos ou de tristezas (Schopenhauer, 2014, p. 33).

Mesmo que se tente ignorar as realidades dolorosas e sofridas acerca da vida e de como ela se dá, elas sempre existirão, não tem como fugir desta realidade, não se pode negar que elas existam, apesar de que, na filosofia schopenhaueriana, há de forma clara, esse esforço de acabar com os sofrimentos da humanidade, mas apesar de inúmeras tentativas e esforços, o homem não é capaz de se livrar, pois a dor se esconde no instinto sexual, na paixão, na inveja, no medo e em sua grande vontade. Isso se dá em razão da necessidade do homem de assegurar a sua existência, buscando aliviar o peso de vida, para fugir do aborrecimento que o leva ao tédio; não, isso de nada adianta, como vimos anteriormente, mesmo que se ignore os fatos dolorosos e sofridos, eles existirão.

A única saída do ser humano é viver a sua vida entre a dor e o tédio, na busca de conservar a sua raça. Contudo, ele sofre, em razão disso, grandes ameaças de todos os lados, pois está cercado de acasos, de angústias e de inimigos. Dessa maneira, ele fica à deriva, sem segurança e entediado. Isso se torna o que Schopenhauer chama de o grande naufrágio, que é o momento comum e irremediável a todos os seres humanos, em outros termos, a morte. Sendo assim, o homem caminha ao encontro da morte como o mártir<sup>3</sup> caminha para a sua execução, sabendo que esse é o seu fim supremo, e que a morte é comum a todos seres vivos, independente da raça, status social ou posição política e religiosa.

A vida é um mar cheio de perigos e de turbilhões que o homem só evita à força de prudência e de cuidados, embora saiba que, mesmo que consiga lhes escapar com perícia e esforços, não pode, contudo, à medida que avança, sem retardar o grande, o total, o inevitável naufrágio, a morte que parece lhe correr ao encontro: é esse o fim supremo de tão laboriosa navegação, para ele infinitamente pior que todos os perigos dos quais escapou (Schopenhauer, 2014, p. 35).

Só mediante a perda de uma realidade como a saúde, a liberdade e a virilidade que vem da juventude, é que o homem toma consciência da falta que tais realidades estão fazendo, porém, tudo isso é negativo. A felicidade só se manifesta pela sua falta em dias em que se sente, de forma mais latente, a tristeza, o desânimo e o sofrimento. Ela é como o sol e a chuva, só se sente falta do sol em dias chuvosos, onde ele não aparece. Sendo assim, como viveriam os homens se tudo fosse entregue à sua vontade de bandeja? Se as suas vontades e desejos fossem apaziguados? Se ele não tivesse mais a necessidade do prazer, pois já estava nele? Certamente, seria entregue ao tédio, ao desgosto, ao aborrecimento, o mau-humor, não teria com quem ou com qual realidade lutar, perdendo graça em viver e, conseqüentemente, morreria de tédio.

Essencialmente, para Schopenhauer, todo querer é sofrer e a vida do homem é um eterno sofrimento, pois ele, obrigatoriamente, está querendo alguma coisa a cada momento. O campo do querer é vastíssimo e não saciável, a vontade não se satisfaz com os pequenos momentos cedidos a ela, ela se estende pelo campo físico, psíquico, material e emocional, dado que, o curso natural biológico faz com que o homem queira sempre comer, ir ao banheiro, tomar banho, se relacionar, dentre outras realidades

---

<sup>3</sup> Sentido religioso: Pessoas que aceitam a morte por uma causa religiosa.

comuns a existência humana. Sendo assim, o homem luta pela sua existência mesmo já tendo a certeza de que será vencido pela morte, por mais que ele tente se entregar às paixões, ao amor, à felicidade, às compras, ele se angustia por ter certeza da morte; luta para viver cedendo, diariamente, aos desejos, tentando assegurar a sua raça.

Somos então não só criação dessa vontade como também a própria vontade objetivada em fenômenos dos mais variados. Assim, a essência íntima de tudo o que existe é essa vontade, não há diferença substancial em nada. Homens, animais, vegetais e assim por diante, são uma única coisa. Ainda essa vontade é cega e nunca deixa de ser vontade. Não existe nenhum “objetivo maior” no mundo, nenhuma regra ou lei superior que o dirige. Tudo é e será eternamente um caos no qual o sofrimento é a única “regra” a ser observada por todos aqueles que realmente desejam conhecer de fato a verdade. A cada desejo satisfeito, sobrevém-nos o tédio e depois dele mais uma vez uma nova vontade que nos arrasta, irrevogavelmente, para um novo sofrimento. A vontade não cessa. A vida seria um ciclo interminável de desejo, sofrimento, tédio e novos desejos atormentadores que existem sem nenhuma razão de ser; de uma forma ou de outra, a paz jamais seria possuída por nós. Essa vontade manifesta-se no mundo dos fenômenos, mesmo sendo uma, de diferentes formas. É ela que está em todo tipo de vida, desde uma planta até o homem e assim, dividida e sendo vontade sempre insatisfeita, causa a guerra de todos contra todos, o sofrimento inesgotável e a dor sem fim[...] (Gutierrez, 2010, p.102).

Cabe, pois, buscar entender o que vem ser o que o homem faz para tentar assegurar a sua espécie, e isso é o amor, e se é possível passar por essa experiência, uma vez que tudo, para Schopenhauer, é dor e sofrimento. Portanto, o amor também seria essa realidade sofrida e dolorida? Bem, Schopenhauer acredita que o amor é uma mera fantasia nos gênios dos poetas, em outros termos, é uma quimera. Na verdade, o que move o ser humano é um instinto natural ao sexo, instinto esse que vem para simplesmente assegurar a espécie

Qualquer inclinação terna, seja qual for a atitude etérea que afete, tem, na realidade, todas as suas raízes no instinto natural dos sexos; não é mesmo outra coisa senão esse instinto especial, determinado, e perfeitamente individualizado (Schopenhauer, 2014, p.45).

Para Schopenhauer, essencialmente, o amor está em uma escolha individual ao sexo, tendo como finalidade, a existência e a constituição da humanidade. Não se pode negar a sua importância perante a sociedade e o seu longo papel frente às comédias e os romances, como sendo uma realidade real capaz de transformar e elevar os seres humanos. Essa vontade que move o homem rumo ao outro são as suas próprias realizações, isto é, o amor que se eleva para um desejo de espécie, uma vez que, na verdade, o indivíduo é esse ser para a espécie, o ser que tem a vontade de se perpetuar na história.

Se observarmos o papel importante que o amor representa em todos os graus e em todas as suas fases, não só nas comédias e nos romances, mas também no mundo real, onde é com o amor pela vida, a mais poderosa e a mais ativa de todas as molas[...] (Schopenhauer, 2014, p.45).

O homem não pode fugir dessa realidade e desse instinto sexual, porque ele se manifesta na consciência de cada um, como uma vontade de viver através do ser consciente. O instinto do amor da ilusão à consciência de uma admiração objetiva,

mas trata-se de uma máscara, pois a natureza do amor carece dessa ilusão para atingir o seu fim. Essa vontade de viver é vista na possibilidade de gerar outros seres.

Schopenhauer busca compreender o que os homens buscam nas mulheres, isto é, as qualidades que correspondem às suas próprias qualidades. Nesse ponto de vista, são as crianças que têm de nascer, em outros termos, será escolhida a mãe perfeita, com as qualidades semelhantes às do pai para, assim, nascer um filho com suas qualidades selecionadas.

Cada homem se interessa por uma beleza exagerada na mulher, não por um desejo propriamente dito a ela, mas somente para manter o puro tipo da sua espécie. A beleza que ao homem aparenta ser a melhor, ou a ideal, é para a realização de sua espécie. O homem tem muito mais facilidade para sacrificar sua felicidade, ou melhor, é preferível sacrificar sua vida feliz do que errar uma progenitora, isto é, errando o alvo erraria a mulher que não seria uma boa procriadora, ou que não seria capaz de assegurar sua espécie.

Se apenas ocultasse sob o prazer dos sentidos a satisfação de uma necessidade imperiosa, a beleza ou a fealdade do outro indivíduo seria diferente. A procura apaixonada da beleza, o apreço que se lhe dá, a escolha a que se procede, não dizem, pois, respeito ao interesse pessoal daquele que escolhe, embora assim o imagine, mas evidentemente ao interesse do futuro ente, no qual importa manter mais possíveis integral e puro o tipo de espécie. De fato, mil acidentes físicos e mil desgraças morais podem causar um defeito no rosto humano: portanto, o verdadeiro tipo humano, em todo o seu conjunto, é sempre novamente restabelecido, graças a esse sentimento da beleza que sempre domina e dirige o instinto dos sexos, sem que o amor não passaria de uma necessidade revoltante (Schopenhauer, 2014, p.51).

Aos animais que são desprovidos de inteligência, foi dado o instinto. Já o homem é revestido de uma ilusão, à qual dá a ele a capacidade de versar e atuar sobre a vontade. Portanto, quando o homem é satisfeito de suas vontades, cai na decepção, uma vez que, o objetivo a qual ele tanto desejava, assim como o de assegurar a sua espécie, é infinito, e não tem uma satisfação duradoura. Em todos os animais, tem-se uma ilusão blindada por uma máscara de um interesse egoísta para disposição da sua espécie. Por isso, é que se explica o fenômeno aceitável, interno e subjetivo, que aponta as manifestações do instinto. Assim, explica-se que o amor tem apenas um puro instinto, a reprodução da espécie e nada mais. A este respeito, Nietzsche concorda com Schopenhauer, no que se refere ao homem e a sua forma de tratar e pensar em relação às mulheres e como os animais tratam suas fêmeas, lidando de forma diferente. Assim, ele afirma:

Os animais não pensam nas fêmeas da mesma forma que os homens; para eles, a fêmea é o ser produtivo. Não existe amor paterno entre eles, mas algo como amor aos filhos de uma amada e habituação a eles. As fêmeas têm, nos filhos, satisfação do seu desejo de domínio, uma propriedade, uma ocupação, algo que lhes é compreensível e com que se pode falar: tudo isso é o amor materno — comparável ao amor do artista por sua obra (Nietzsche, 2012, p. 21).

O homem, a partir do momento em que é satisfeito e realiza seus prazeres, perde o interesse na mulher, ou seja, o amor se apaga de modo sensível e rápido. Já a mulher, por sua vez, a partir do momento de satisfação vivido com o homem, aumenta e fortifica o amor. O instinto do homem, sua natureza, sempre o leva, naturalmente, a

procurar outras mulheres. Por outro lado, a mulher tende a ser mais fiel e não se destina a buscar outros homens, uma vez que identifica a figura masculina como os muros que defendem suas cidadelas. Portanto, é assim que as mulheres veem o homem, como protetor de sua família e guardião de sua casa.

Por isso o homem anda sempre à procura de outras mulheres, enquanto a mulher permanece fielmente dedicada a um só homem, porque a natureza a impele instintivamente e sem reflexão a conservar junto de si aquele que deve alimentar e proteger a pequena família futura (Schopenhauer, 2014, p.54).

Sendo assim, se a mulher trair seu marido, estará traíndo a si mesma e a sua natureza. O prazer dessa traição representa simplesmente a consideração que se dirige a uma inclinação pela idade: homens jovens não são atraídos pelas mulheres com uma idade avançada, o que eles possuem é aversão. Diante disso, o que perdura mesmo é a realidade dolorosa e sofrida de cada um mediante a vontade. O amor, por sua vez, é mais um gatilho do sofrimento e o que se perpetua mesmo, é a dor e o sofrimento que são diários, constantes e comuns a todos que cedem a seus desejos.

## 2. O PLANO DE FUNDO DA COMPAIXÃO

Dores e sofrimentos são realidades existenciais, pois não se pode negar que tais realidades existem, pelo fato delas já estarem impressas na essência humana, e são assim, sempre atualizadas e experimentadas no dia-a-dia de cada homem. Dessa forma, afirma Schopenhauer:

Sentimos a dor, mas não a ausência da dor; sentimos a inquietação, mas não a ausência da inquietação; o temor, mas não a segurança. Sentimos o desejo e o anelo, como sentimos a fome e a sede; mas apenas satisfeitos, tudo acaba, assim como o bocado que, uma vez engolido, deixa de existir para a nossa sensação. Enquanto possuímos os três maiores bens da vida - saúde, mocidade e liberdade - não temos consciência deles, e só os apreciamos depois de os termos perdido, porque esses também são bens negativos. Só notamos os dias felizes da nossa vida passada depois de darem lugar aos dias de tristeza... À medida que os nossos prazeres aumentam, tornam-nos cada vez mais insensíveis; o hábito já não é um prazer. Por isso mesmo a nossa faculdade de sofrer é mais viva; todo hábito suprimido causa um sentimento doloroso (Schopenhauer, 2014, p.35).

Portanto, a felicidade e os prazeres são uma utopia, não perduram, são um sonho. Tudo é passageiro; os desejos, as paixões, principalmente quando chega a velhice tudo se apaga ou se extingue, até mesmo a vontade de viver. Porém, já que tudo é dor e sofrimento, é preciso tentar empregar a compaixão para suportar essas dores e sofrimentos do cotidiano.

A compaixão é estar em um movimento que move as ações dos homens. Ao contemplar as dores e os sofrimentos dos que estão à sua volta, tem-se o desejo de fazer dos sofrimentos e das dores dos outros, o meu sofrimento e a minha dor. Dessa maneira, a partir da contemplação da dor do outro, é possível ver que há dor maior do que a de quem a contempla. Assim, passa-se por um grau de bondade, por uma filantropia, isto é, um altruísmo; esse sentimento levaria a ajudar o próximo, entretanto, essa ajuda não seria uma colaboração por virtudes religiosas, mas sim, uma forma de se esquivar de sua própria dor e do seu próprio sofrimento, porque, ao contemplar a dor que está fora, no outro, aparece o que seria o sentir com, ou seja, tomar parte dos

sofrimentos e dores dos outros. Contudo, isto só é possível se já estivessem sanadas todas as diferenças, egoísmos e dificuldades entre ambos, para que assim se gerasse uma consciência de se colocar no lugar do outro.

Quando a ponta do véu de Maia (a ilusão da vida individual) se ergue diante dos olhos de um homem, de tal modo que já não faz diferença egoísta entre si mesmo e o restante dos homens, e interessa-se pelos sofrimentos dos outros como pelos próprios, tornando-se assim caritativo até à dedicação, pronto a sacrificar-se pela salvação de seus semelhantes, esse homem, chegado assim ao ponto de se reconhecer a si mesmo em todos os seres, considera como seus os sofrimentos infinitos de tudo quanto vive, e apodera-se, dessa forma, da dor do mundo. Nenhuma miséria lhe é indiferente, todos os tormentos que vê e tão raramente lhe é dado amenizar, todas as angústias de que ouve falar, inclusive aquelas que lhe é possível conceber, perturbam-lhe o espírito como se fosse ele a vítima (Schopenhauer, 2002, p.15).

A compaixão é uma forma de apiedar-se, isso é, um sofrer com, é partilhar os sofrimentos com o outro. Dessa maneira, a compaixão é uma forma de se comover por uma pessoa a partir do que elas têm em comum, quer dizer, o sofrimento e as dores. Com muita frequência, a compaixão é confundida com a piedade, com a misericórdia, simpatia e caridade. Entretanto, o que liga ambos sentimentos, isto é, o ápice desta ligação, é a realidade acerca do sofrimento que permeia todas elas.

Só a piedade é o princípio real de toda justiça livre e de toda caridade verdadeira. A piedade é um fato incontestável da consciência do homem; é-lhe essencialmente própria e não depende de noções anteriores, de ideias a priori, religiões, dogmas, mitos, educação e cultura; é o produto espontâneo, imediato, inalienável da natureza; resiste a todas as provas, e mostra-se em todos os tempos e em todos os países; em toda parte é invocada com confiança, tão grande é a certeza de que ela existe em todos os homens, e nunca é contada entre os "deuses estranhos". O ente que não conhece a piedade está fora da humanidade, e essa mesma palavra humanidade é muitas vezes tomada como sinônimo de piedade (Schopenhauer, 2014, p. 109).

Por outro lado, é necessário compreender que a compaixão é um sentimento livre de toda justiça e caridade que o homem possui de si mesmo. Dessa forma, a inveja e a compaixão são elementos que estão presentes no íntimo de cada homem. Em razão disso, se começa uma grande luta interna.

Por meio da razão, conhecemos a maldade e tudo o que ela pode nos oferecer, o desprezo, a raiva, a inveja são alguns sentimentos dados por ela. Dessa maneira, a compaixão se torna o remédio para as cóleras, porque ela vai além, com a justiça, a paz e o amor. Como destaca Britto (2011, p. 66):

A compaixão em Schopenhauer sempre está vinculada ao estado de infelicidade, à consideração *a priori* de que a essência da vida é sofrimento. Ela é generalizada e indistinta para todos os seres – caráter de universalidade – como manifestação da bondade natural e do conhecimento superior da unidade de todos os seres.

Esse caráter unitivo faz com que o homem se apodere das dores do mundo, pois, ao ver tais dores e sofrimentos, isso tudo o afeta, por isso, ele não pode ser indiferente ao outro. O Homem se aparta, nesse momento, da realidade egoísta, que o levaria para uma ilusão individual, e vê que tudo que se vive e sofre está junto de si mesmo e do outro, criando a unidade de todos os seres citada anteriormente.

Nietzsche, destaca que o homem tem a possibilidade e poder de amar o próximo, porém questiona se o próximo é merecedor de tal amor. Amar o próximo seria uma graça ou desgraça? Se para os homens for uma graça, e for tido como uma forma positiva de vida, se o melhor a se fazer for ter compaixão para com o próximo, então o homem deve seguir o seu caminho fazendo esse bem, tendo compaixão. “Então o seu amor ao próximo é para vocês uma graça? Sua compaixão é uma graça? Bem, se isto é possível para vocês, deem um passo adiante.” (Nietzsche, 2012, p. 18). Para que a compaixão seja colocada em prática, é necessário que se entenda, que é preciso se amar em primeiro lugar, pois entendendo a si mesmo, tendo em vista suas próprias dores, sofrimentos, será possível o sentir com o outro, pois não se pode compreender o outro se não se compreende a si próprio.

Schopenhauer entende a compaixão como o sentimento capaz de fazer com que o outro se mova, tendo o sofrimento e as dores dos demais como perspectiva. Para ele, não existe nenhum processo desenvolvido pela razão para que a pessoa aja de forma compassiva. Em vista disto, o sofrimento do outro passa a ser o sofrimento do próprio homem: eis o motivo para que o mal do outro seja apagado ou amenizado, ou seja, não se pode duvidar da ligação que existe entre dois indivíduos. Porém, “Schopenhauer esclarece que o outro é o sofredor, e não nós; é na sua pessoa que sentimos sua dor; a dor pertence a ele, é dele, e não nossa.” (Britto, 2011, p. 66).

Diante dessa realidade da compaixão, cabe, pois, fazer uma consideração acerca da questão da maldade, que tem por finalidade ser causadora dos sofrimentos e das dores para o outro. Portanto, a maldade cria formas e obstáculos para que o outro possa sofrer, seja em maior ou menor grau. O homem trilha esse caminho de ilusão, e mediante a isso, ele, quando quer ser maldoso, sabe muito bem como o fazer, criando momentos e realidades que são absurdas e que chegam a ser verdadeiramente cruéis. Desse modo, ele age cruelmente e contempla o sofrimento e as dores dos outros, gerando nessa pessoa maldosa, certo prazer, um sadismo, perante as dores e os sofrimentos dos outros. Dessa maneira, diz Schopenhauer (1991, p.198):

A pior feição da natureza humana permanece sendo o deleite pela desgraça alheia, porque estreitamente aparentada à crueldade, se distingue propriamente desta apenas como a teoria da prática, e localizando-se precisamente onde deveria ser o lugar da compaixão, que, como seu oposto, constitui a verdadeira fonte de toda genuína justiça e amor pela humanidade.

Existe essa afeição natural e essa alegria em praticar a maldade, porém existe também a inveja que é uma ligação entre a maldade e o egoísmo, é também um vício da maldade, uma vez que ela se apresenta perante o homem de forma negativa, pois o mesmo não é capaz de suportar as qualidades e os bens que o outro possui. Dessa forma, “Nada é tão implacável e cruel quanto a *inveja*; e, no entanto, estamos sempre empenhados em suscitá-la com todas as nossas forças!” (Schopenhauer, 2005, p.12). Esse processo invejoso consiste em olhar a “felicidade” do outro e não aceita-la. A inveja ocupa o lugar da compaixão e se apresenta de forma oposta a ela, sendo uma forma de egoísmo voltada à vida do outro, pois:

O *egoísmo*, de acordo com sua natureza, é sem limites: o homem quer conservar incondicionalmente sua existência, a quer incondicionalmente livre da dor à qual também pertence toda penúria e privação, quer a maior soma possível de bem-estar, quer todo o gozo de que é capaz e procura, ainda,

desenvolver em si outras aptidões de gozo. Tudo o que se opõe ao esforço de seu egoísmo excita sua má vontade, ira e ódio: procurará aniquilá-lo como a seu inimigo. Quer, o quanto possível, desfrutar tudo, ter tudo. Porém, como isto é impossível, quer, pelo menos, dominar tudo. Tudo para mim e nada para o outro" é sua palavra de ordem (Schopenhauer, 1995, p. 115).

Diante disso, o egoísmo tem lugar de destaque na existência humana, no que diz respeito às questões das atitudes antiéticas, mas ele não é o único, existem outras realidades que a moral deve combater, a saber: a raiva, a cólera, o ódio e a inveja. Portanto, por trás da compaixão, estão presentes as realidades egoístas que ocupam o seu lugar, pois, no fundo, o que realmente importa é o alívio da minha dor e sofrimento e não as dos demais indivíduos.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, as investigações feitas nas obras pesquisadas para defender a concepção da dor e do sofrimento, nos demonstra que toda a humanidade está imersa na realidade dolorosa e sofrida, independentemente de quais forem as lutas para sair desse estado, ele não será capaz, uma vez que a vontade é sempre atualizada. O homem sofre por não ter tudo, e o que vai em desencontro da vontade gera um incômodo, e isso é, uma dor e um sofrimento, pois as dores são positivas e no mundo, a miséria, a infelicidade e o sofrimento são as regras gerais, às quais não se pode fugir. Portanto, o homem oscila como um pêndulo entre a dor e o tédio, esperando a morte que é comum e irremediável a todos considerando que elas fazem parte da essência humana, dado que, todo homem quer, a todo instante e por mais que tente, não se é capaz de sair desse estado. No fim, tudo terminará em desgosto, sofrimento e miséria. Sendo assim, o homem vive a sua vida entre a dor e o tédio esperando a morte, que é a única certeza comum a todos. O sofrimento, de acordo com Schopenhauer, nunca foi e nunca será opcional, pois o homem não pode se livrar da vontade de forma permanente.

Além disso, constatou-se também que o amor nada mais é que o desejo de perpetuar a sua raça e assegurar a sua espécie, o homem não tem interesse propriamente dito em amar uma só mulher, o que na verdade ele quer e o que mais o interessa, é ver quais delas são as melhores reprodutoras para assim manter a sua raça, se perpetuando na história. Dessa maneira, o amor é mais uma realidade de sofrimento, e não de um gosto por unir-se ao outro, tendo como fim, um novo ser, sem se importar com o amor de fato, pois ele é só uma ilusão e um impulso sexual que sempre dará lugar a outros momentos de desejos e vontades, se entregando novamente à vontade, o homem, mais uma vez, sofre. Ademais, a felicidade, na perspectiva de Schopenhauer, é só ilusão, não existe, pois todos, na verdade, estão mergulhados neste mar de dor sem fim, esperando somente o dia de sua morte.

Diante da filosofia pessimista de Schopenhauer, surge o momento que pode ser compreendido como uma atitude ética, isto é, a compaixão. A compaixão seria um sentir com, mas ela não é um sentimento emocional ou uma regra religiosa, e sim, na verdade, um reconhecimento do sofrimento inerente à existência humana. Porém, o intuito do nosso trabalho foi demonstrar as realidades do sofrimento e das dores que aparecem por trás da mesma, pois a compaixão se levanta como essa atitude ética, mas no plano de fundo dela, estão as causas das dores e sofrimento que vem pela a

maldade, isso é, ela aparece de modo sublimar, e ocupa o lugar que deveria ser reservado para a compaixão, trazendo com ela, a inveja e o egoísmo. Portanto, o que realmente interessa é o sofrimento do outro, e não o sentir como o outro, uma vez que terei uma alegria com isso. Por fim, a compaixão é travestida de uma realidade de acabar com a minha dor e não com a dor do outro, uma vez que a afeição da humanidade é pela desgraça do outro.

Podemos constatar que as palavras dor e sofrimento no pensamento de Schopenhauer são sinônimas e podem ser usadas para demonstrar a miséria humana à qual se vive diariamente, e denotam o mesmo sentido. Vimos que a dor e sofrimento são presentes na humanidade e que o desejo, vontade e a miséria caminham juntos, até chegar ao fim da vida.

Portanto, alcançou-se, como resultado dessa pesquisa, a compreensão de que não é possível ignorar que a dor e sofrimento existam e são gerados a partir da vontade, que são comuns a toda humanidade. Além disso, entendeu-se também que o amor é impulso sexual gerador do sofrimento e a compaixão foi desvelada da ilusão de significar unicamente atos de bondade.

Por fim, e não menos importante, vale ressaltar a importância deste estudo para a posteridade, que se apresenta como via de esclarecimento da origem da dor e do sofrimento, uma vez que, a sociedade contemporânea vive constantemente dentro dessa realidade sofrida, sem as compreenderem, buscando cada vez mais um meio para apaziguar os sofrimentos presentes, sem, de fato, saber que tais realidades não podem ser apaziguadas, pois o que as geram, isto é, a vontade, não tem limites, não tem fim e não se satisfaz.

## REFERÊNCIAS

BRITTO, Wilson Vieira de. **O fenômeno da compaixão na ética de Arthur Schopenhauer**. 2011. 93 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Filosofia, Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte, Belo Horizonte, 2011. Cap. 5. Disponível em: <https://faculdadejesuita.edu.br/wp-content/uploads/2022/06/O-FENOMENO-DA-COMPAIXAO-NA-ETICA-DE-ARTHUR-SCHOPENHAUER.pdf>. Acesso em: 12 set. 2023.

COEN, Monja. **O sofrimento é opcional: como o zen budismo pode ajudar a lidar com a depressão**. São Paulo: Bella Editora, 2017. 109 p.

GUTIERREZ, Leandro Cardoso. **“O fundamento da moral no pensamento de Arthur Schopenhauer”**. 2010. 123 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Filosofia, Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2010. Disponível em: [https://www.academia.edu/27872139/O\\_FUNDAMENTO\\_DA\\_MORAL\\_NO\\_PENSAMENTO\\_DE\\_ARTHUR\\_SCHOPENHAUER](https://www.academia.edu/27872139/O_FUNDAMENTO_DA_MORAL_NO_PENSAMENTO_DE_ARTHUR_SCHOPENHAUER). Acesso em: 22 set. 2023.

KUGNHARSKI, Gabriel. **Sobre a negatividade do mundo e a questão do sofrimento em Adorno e Schopenhauer**. Cadernos de Ética e Filosofia Política, São Paulo, v. 42, p. 51-63, 25 jul. 2023. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cefp/article/view/187794>. Acesso em: 30 out. 2023.

NIETZSCHE, Friedrich. **100 aforismos sobre o amor e a morte**. São Paulo: Penguin- Companhia das Letras, 2012. Seleção e tradução de: Paulo César de Souza. Disponível em: <https://www.epedagogia.com.br/materialbibliotecaonline/2709Cem-Aforismos-Sobre-o-Amor-e-a-Morte.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2023.

SCHOPENHAUER, Arthur. **As dores do mundo: o amor- a morte- a arte- a moral- a religião- a política- o homem e a sociedade**. São Paulo: Edipro, 2014. 135 p.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Da morte- metafísica do amor- do sofrimento no mundo**. São Paulo: Martin Claret, 2002. 128 p.

SCHOPENHAUER, Arthur. Fundação da ética: 14. motivações antimorais. In: SCHOPENHAUER, Arthur. **SOBRE O FUNDAMENTO DA MORAL**. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 240.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Schopenhauer: o mundo como vontade e representação (III parte) crítica da filosofia kantiana parerga e paralipomena (capítulos V, VIII, XII, XIV)**. 5. ed. São Paulo: Nova Cultura, 1991. 235 p. Coleção os pensadores.

SCHOPENHAUER, Arthur. **A arte de ser feliz: exposta em 50 máximas**. São Paulo: Martins Fontes, 2005. 137 p. Org. Franco Volpi.